

# FÓRUM INTERSINDICAL SAÚDE – TRABALHO – DIREITO

COORDENAÇÃO DESTA EDIÇÃO DIHS/ENSP/FIOCRUZ - PROJETOS ENSP 041- FIO-14, ENSP 006-FIO-15.

## A saúde do trabalhador e os pascácios

### EDITORIAL

A palavra otário tem vários significados: tolo, ludibriado, enganado, ingênuo, iludido e **pascácio**. Hoje, no Brasil, vivemos tempos tenebrosos em que todos, ou quase todos, de um lado e de outro do espectro político-partidário, sentimo-nos **pascácios** (otários mesmo). Pois em matéria de saúde do trabalhador, temos sido pascácios há muito tempo. Não é de agora... Somos pascácios enquanto o SUS não cumpre sua missão constitucional de fazer vigilância da saúde do trabalhador e o (ex)Ministério do Trabalho fica perdendo o seu tempo ao contestar essa missão do SUS. Somos pascácios enquanto o aparelho do Estado brasileiro: o SUS, as estruturas do trabalho, da previdência, do Ministério Público e outras continuarem desarticuladas assistindo a morte e a doença no trabalho ocorrendo sem tomar atitudes mais corajosas e eficazes. Somos pascácios enquanto acharmos que apenas notificar as doenças e os acidentes de trabalho é suficiente, sem que essas informações resultem em ações efetivas de intervenção para mudar as condições e os processos de trabalho. Somos pascácios enquanto os sindicatos continuarem sem dar prioridade nº 1 à questão da saúde do trabalhador. Quem não é pascácio nessa questão da saúde do trabalhador é o setor patronal. Em tempos de desemprego, então, o poder econômico nada de braçada: pode provocar o adoecimento dos trabalhadores à vontade, porque o poder público não vai pressionar o setor empresarial para melhorar as condições de trabalho e exigir investimentos e maior respeito com os trabalhadores. O poder público, na verdade, é refém das grandes empresas, como estamos vendo agora, no financiamento das campanhas. Com que coragem um prefeito vai exigir saúde dos trabalhadores nas empresas que lhe elegeram?

### Nesta edição

Editorial – A saúde do trabalhador e os pascácios	1
Entrevista – Jacinta de Fátima Senna da Silva	2–3
Artigo do mês – Jacqueline Caldas	4
Perfil – Alessandra Nogueira de Carvalho	5
Trabalhadores Anônimos – Izaías & Zizi	6
Informes	7

*“Se a devastação ambiental que atinge milhões de pessoas, provocada pelo poder econômico, já é um fato consumado e aceito, porque a morte e a doença de trabalhadores aqui e acolá traria alguma preocupação a empresários e governantes?”*

Qual o espírito público em defesa da saúde de um governador, cuja campanha foi financiada pelas empresas que causam morte e adoecimento no trabalho? Porque acharíamos que algum presidente da república, mesmo os que já foram acidentados de trabalho, iriam se preocupar com essa questão se as grandes empresas que financiam as campanhas não querem ser importunadas com essas “coisas menores”? Se a devastação ambiental que atinge milhões de pessoas, provocada pelo poder econômico, já é um fato consumado e aceito, porque a morte e a doença de trabalhadores aqui e acolá traria alguma preocupação a empresários e governantes? Um exemplo é o agronegócio, ‘menina dos olhos’ de governantes das 3 esferas de governo. Contudo, mesmo com pessimismo e apesar de nossa consciência de otários, nós que estamos do lado da defesa da vida e da saúde no trabalho não esmorecemos. Não esmoreceremos. É preciso intensificar a luta e aprimorarmos nossas estratégias de enfrentamento. ■ ■ ■

\* Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

## A fala da Saúde do Trabalhador

Jacinta de Fátima Senna da Silva, apesar de ter a marca paraibana de sua terra natal, tem também em seu sangue a brasilidade impregnada, construída nos 10 anos em que foi Coordenadora Nacional da Saúde do Trabalhador, de 1993 a 2003. Ao peregrinar pelo Brasil, em cada rincão do país inúmeras vezes, apoiando antigos ‘combatentes’ da ST e descobrindo e arrematando novos, deu visibilidade à área no Ministério da Saúde e no SUS como um todo. Foi coordenadora, também, do Comitê Executivo de Organização da 2ª CNST (2ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador), realizada em 1994. Modesta e discreta, Jacinta sutilmente comunicou à coordenação do Boletim que não seria necessário elencar o que foi feito durante a sua gestão. Mas, por ordem de um registro histórico, e um justo resgate, é importante assinalar as conquistas da área que, embora ainda insuficientes, foram implementadas e consolidadas sob seu comando. Em 1997, foi incluído no SIH/SUS (Sistema de Informações Hospitalares) o registro de acidentes de trabalho nas urgências e emergências. Foram assinadas as Portarias Ministeriais de 1998 - NOST (Norma Operacional de Saúde do Trabalhador) e Instrução Normativa de Visat (Vigilância em Saúde do Trabalhador) - que deram curso a uma série de iniciativas, especialmente a de vigilância que ainda vigora. Foi revista a listagem oficial de doenças do trabalho que originou, em 2001, o Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho, uma referência muito utilizada, inclusive em perícias médicas. Ainda em 2001 foi incluído o preenchimento de AIH (Autorização de Internação Hospitalar) nos casos de acidente de trabalho. E entre as diversas iniciativas de formação, oficinas, manuais e apoio a projetos de luta contra a exposição ao benzeno, à sílica, ao amianto e aos agrotóxicos, Jacinta e sua equipe idealizaram, em 1999, a 1ª versão da Renast (ainda Rede Nacional de Saúde do Trabalhador). No ano 2000 foi realizado um encontro em Brasília, com coordenadores de Programas de ST para discutir a proposta. Foi o pontapé inicial do que é, hoje, a forma mais instituída da política para a área. Embora tenha se desviado do que se propunha na época, com forte viés assistencial, a Renast, com seus Cerest (Centros de Referência), a despeito de suas dificuldades, é a face mais visível e operante do campo de ST, no país. Apesar de estar um tanto afastada do nosso campo de ação, Jacinta tem um lugar nessa história. O Boletim reverencia a sua luta.



*Jacinta tem um lugar na história da saúde do trabalhador. O Boletim reverencia a sua luta.*

**FIS** - Jacinta, fale-nos um pouco da sua trajetória no campo da saúde do trabalhador.  
**Jacinta** - Ainda, na época de estudante, na década de 1980, já me interessava pelo campo da ST. Acompanhei a criação do Diesat (Departamento Intersindical de Estudos de Saúde e dos Ambientes de Trabalho) no Distrito Federal (DF). Inclusive, fazíamos intervenção na Intersindical do DF e na CUT (Central Única dos Trabalhadores) para que os sindicatos se filiassem ao Diesat e adotassem a área de ST nas direções sindicais e em suas práticas. Também incentivávamos a sua inclusão nas pautas de reivindicações, convenções e acordos coletivos. Na área acadêmica, tanto

na Especialização em Saúde Pública quanto no Mestrado em Saúde Coletiva, estudei o campo de ST. Na especialização estudei a saúde dos trabalhadores públicos do setor saúde no DF. No mestrado estudei o processo de trabalho dos metalúrgicos na FIAT em Betim/MG. Em 1993 ingressei na área de ST do Ministério da Saúde permanecendo até o ano de 2003. Avalio que foi uma experiência gratificante e enriquecedora. Foi muito relevante o aprendizado no meu caminhar político e técnico.

**FIS** - O que você considera que nós avançamos na área de ST e o que falta avançar desde a Constituição Federal de 1988?

**Jacinta** - A CF/88, escrita por meio de um rico e vigoroso processo de mobilização do movimento sindical, popular e sanitário, representa uma das maiores conquistas, após o período sombrio da ditadura militar: a **carta cidadã**. A saúde do trabalhador está lá, nela inscrita, com a força do desejo de mudar, mas ainda esperando a sua hora. É bem verdade que houve avanços. No período em que acompanhei a área mais de perto, construiu-se de forma participativa a 2ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador, em 1994, com uma presença maciça dos atores, tanto das instituições públicas quanto da sociedade organizada, especialmente no campo sindical. Foram instituídas, na década de 1990, diversas comissões, comitês e grupos de pesquisa. Muitas Portarias, normas e protocolos foram criados, inclusive o Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho, a partir da lista de doenças. A revisão desta lista é uma determinação da Lei Orgânica da Saúde, de 1990. Foi feita. Como a Lei diz que deve ser feita periodicamente, seria bom pensar numa nova revisão. Também foram criados vários materiais didáticos e pedagógicos para a atenção básica em ST. A atual Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora começou a ser debatida naqueles anos e hoje se constitui como base normativa e técnica para apoiar a organização do campo nas esferas de gestão do SUS. Também a Renast, que foi concebida em 1999, hoje está institucionalizada, mas necessita ser aprimorada para aprofundar a missão do SUS. Quanto à necessidade de avançar, é imperioso inserir a ST nos serviços do SUS, na atenção básica e na especializada, como prática relevante e a adoção de práticas de vigilância em ST na tríade das vigilâncias - sanitária, epidemiológica e ambiental -.

*“Considero o Fórum Intersindical de Formação uma estratégia de resistência e formação política neste momento conjuntural de desmonte do Estado, de golpe à jovem democracia brasileira, de redução de direitos sociais e dos trabalhadores, de desmonte do SUS e da onda de medidas privatistas.”*

E, sobretudo, a melhoria dos processos e condições de trabalho nas cadeias produtivas do país, nos setores formais, informais e da economia criativa.

**FIS** - Quais os problemas mais relevantes da ST hoje no Brasil?

**Jacinta** - Em decorrência do modelo de desenvolvimento, em curso no país, o adoecimento dos trabalhadores continua colocando o Brasil como um dos maiores causadores de doenças e acidentes advindos das condições e dos processos de trabalho; a fragilidade do movimento sindical, especialmente em não pautar a ST nas suas agendas e negociações coletivas; a insuficiente resposta dos serviços de saúde aos agravos decorrentes das condições e processos de trabalho; a insuficiente qualificação e educação permanente dos profissionais de saúde em saúde do trabalhador; e, ainda, a crônica subnotificação de doenças e acidentes, além de que quando são notificados pouco se faz.

**FIS** - Como você vê a iniciativa de um Fórum Intersindical de Formação de em ST?

**Jacinta** - Muito importante e agregador para fomentar a discussão e mobilização da área junto ao movimento sindical, aos serviços de saúde, à academia e à sociedade em geral. Considero o Fórum Intersindical de Formação uma estratégia de resistência e formação política neste momento conjuntural de desmonte do Estado, de golpe à jovem democracia brasileira, de redução de direitos sociais e dos trabalhadores, de desmonte do SUS e da onda de medidas privatistas. ■ ■ ■

Jacinta atualmente faz doutorado na UNB, com o tema da saúde dos povos do campo, das florestas e das águas, tema a que se dedicou após sair da coordenação nacional de ST. Trabalhou também com o acesso à saúde de populações em situação de rua e negra. E, ainda, trabalhou no DATASUS.

[entrevista concedida on-line à coordenação - maio 2016]



## Assédio Moral no Trabalho – Que Moral é essa?

*Jacqueline Caldas*

artigo do mês

Assédio moral no Aurélio significa “rebaixamento moral, vexame, afronta, oprimir, abater, referir-se com menosprezo, tratar desdenhosamente, com soberba, submeter, sujeitar (...)”. H. Leymann, em 1984, na Suécia, primeiro a estudar o assunto na psicologia no trabalho, nomeou e qualificou o processo de “psicoterror”. Para ele, o assédio moral no trabalho (AMT) é a degradação das condições de trabalho, através de comunicações abusivas caracterizadas pela repetição duradoura de um comportamento hostil que um superior ou colega desenvolve contra outro. O resultado é um quadro de miséria física, psicológica e social. No Brasil, muitos pesquisadores vêm contribuindo para o reconhecimento do AMT. Margarida Barreto diz que o AMT não é uma doença. Se assim fosse, a tendência seria culpabilizar o trabalhador, além de retirar da análise o contexto social e a existência das pessoas em sua relação com o outro. Assediar alguém significa fazer um cerco e não dar trégua ao outro, humilhando, inferiorizando e desqualificando de modo sistemático, repetitivo e prolongado. Os pesquisadores concordam que o AMT só é possível quando há omissão gerencial e permissão hierárquica na direção da empresa. M.F. Hirigoyen defende que o AMT é falta de tolerância e desresponsabilização organizacional de empresas que não levam em conta o fator humano e muito menos sua subjetividade. O fato se mostra de várias maneiras, partindo mais frequentemente de superior hierárquico (vertical descendente), mas também de colega (horizontal), de subordinado (vertical ascendente) e da combinação de mais de um nível hierárquico (mista). Geralmente envolve hierarquias e poder. Para Christophe Dejourn, o AMT exerce um eficiente meio de intimidação, a ponto de fazer dos colegas, cúmplices da desestabilização psicológica, contribuindo para o individualismo e a desagregação do viver junto, afetando a vítima e o coletivo. Embora algumas vezes o assediador não tenha a intenção de assediar, ainda assim a violência existe e causa danos. A escolha do alvo pelo assediador pode ser por medo da competência e desempenho do outro que lhe ameace o cargo; pela habilidade do outro no trato com pessoas dentro e fora da área de atuação; pela não concordância do assediado com decisões ou ações que firam a ética; pela personalidade do assediador enquanto chefe; pelo assediado ter melhores condições sociais e ser mais bem-sucedido etc. Para Roberto Heloani, o AMT caracteriza-se pela intencionalidade de desqualificar o indivíduo e fragilizá-lo, com o intuito de disciplinar e anular a vontade daquele que, para o agressor, se apresenta como ameaça. A finalidade maior dessas condutas é a exclusão da pessoa do ambiente de trabalho. É importante ficar atento às principais características do assédio: receber instruções confusas; ser transferido sem razão; ser-lhe atribuído erros imaginários; não ser comunicado de tarefas e da rotina de trabalho; ser ignorado na presença de colegas; ser criticado em

***“A violência no trabalho entendida como assédio moral devassa a vida dos trabalhadores e os adocece.”***

público; ser-lhe imposto horários injustificados; ser alvo de boatos maldosos (difamação) e outras. Segundo Margarida Barreto não existe um perfil de assediador, mas geralmente são pessoas maldosas, ferinas, vaidosas, hipócritas e levianas. Márcia Guedes constatou que a probabilidade de ser vítima de AMT recai sobre mulheres, homossexuais, negros e outros grupos que já sofrem preconceitos e exclusões na sociedade. Mesmo sendo, atualmente, objeto de discussão em todas as partes do mundo, ainda há pouca visibilidade jurídica do AMT. No Brasil não existe legislação federal sobre o tema e, embora haja algumas iniciativas estaduais, ainda há muito o que fazer para ampliar a proteção contra o AMT. Os efeitos ruins para a saúde não se restringem ao aspecto psíquico. A humilhação sofrida pelo assediado desencadeia efeitos psicossomáticos (sintomas físicos que tem origem psíquica: hipertensão arterial, asma, enxaquecas etc.), apatia, alcoolismo, mudanças sócio-comportamentais, ansiedade, conflitos interpessoais, depressão, estresse, insônia e sinais físicos, como suor excessivo ou tremores. Os assediados também podem apresentar piora dos sintomas de doenças crônicas, como psoríase, problemas de estômago ou cardiovasculares, especialmente durante episódios de estresse ou ansiedade. Na Visat (Vigilância em Saúde do Trabalhador) é preciso estar atento, porque o AMT muitas vezes é invisível. Segundo Luís Leão e Minayo-Gomez, uma consequência é que os trabalhadores assediados acabam sendo socialmente conduzidos a medicalizar sua dor. A consequência é o próprio adoecimento e o aumento do sofrimento. Existem situações que nem sempre configuram assédio, tais como agressões pontuais, más condições de trabalho (que afeta a todos), imposições profissionais e conflitos naturais decorrentes de divergências de opinião. Uma agressão verbal pode ser um ato de violência, mas não necessariamente é assédio. Também existem decisões legítimas que dizem respeito à organização do trabalho, como transferências e mudanças de função, de acordo com o contrato, que não são assédio. Críticas construtivas e avaliações sobre o trabalho sem o propósito de represália também não. A violência no trabalho entendida como assédio moral devassa a vida dos trabalhadores e os adocece. Para combater esse mal, várias iniciativas têm sido adotadas, como a criação de sites, blogs, cartilhas, seminários, cursos, grupos de estudos e, no caso do Fórum Intersindical, o Grupo de Trabalho sobre AMT. ■ ■ ■

Obs. Para ter acesso aos autores citados no texto entre em contato com [jacquelinecaldas@gmail.com](mailto:jacquelinecaldas@gmail.com)

Jacqueline Wilhelm Caldas é psicóloga e mestrande da ENSP/Fiocruz. Coordena o Grupo de Trabalho de Saúde Mental e Assédio Moral no Trabalho do Fórum Intersindical.



## Comerciários – novos ares, novas lutas

ALEXSANDRA NOGUEIRA DE CARVALHO



### PERFIL

Alexsandra é vice-presidente do Sindicato dos Comerciários-RJ. A nova gestão do sindicato é composta por comerciários de todos os segmentos - supermercados, shoppings, lojas e calçados -. Alexsandra relata ao Boletim: *“Viemos na esperança de mudar... Tivemos uma luta muito intensa na retomada desse sindicato e hoje tudo o que nós queremos é recuperar o tempo perdido nos 50 anos de abandono. Hoje estamos tentando buscar soluções para muitos problemas que encontramos no comércio. Somos um sindicato onde a gestão é feita por 30 comerciários, sendo 10 mulheres na Diretoria, que representa a mulher trabalhadora dentro do comércio e que, na grande maioria, passa por muitos conflitos, humilhações, assédio moral, enfim...Hoje o que mais nos interessa, nossa maior luta é acabar com esse tipo de situação escravagista que ainda se encontra nessas relações de trabalho.”* Alexsandra antes de assumir o sindicato ficava indignada e se sentia abandonada... *“Muitas vezes isso era desesperador, porque eu não tinha a quem recorrer dos desmandos patronais, entre eles o assédio sofrido por toda a loja. Então era muito difícil, muito difícil... Como ainda hoje é. Mas hoje a gente tem esse sindicato. Um sindicato que tem a representação de trabalhadores do comércio de fato. O que a gente tinha antes era um sindicato omissivo que não nos representava enquanto trabalhadores. E com isso, o que sabíamos era falar ‘sim senhor’ e nada mais.”* Por esses motivos, Alexsandra procurou conhecer melhor o que era feito do desconto no contracheque para o sindicato e o que se poderia usufruir desse desconto. *“Foi uma grande surpresa para mim ver que eu tinha um sindicato que eu não podia contar. Mas mesmo assim eu me sindicalizei e lutei pelo que eu achava que era um direito meu e coloquei mais 29 colegas como comerciárias sindicalizadas. Daí em diante começou a minha e a nossa luta. Luta por igualdade, luta por justiça, luta pelos nossos direitos, planos futuros... Eu penso em levar adiante todo um projeto de melhoria para a nossa categoria, de respeito, de dignidade absoluta. Eu penso que a gente não pode desistir. O caminho é árduo, é duro e muitas*

*Acionado por meio de denúncias, o Ministério Público do Trabalho começou a investigar em 2006 a diretoria presidida por Otton Mata Roma. Com o respaldo destas investigações, a Justiça do Trabalho determinou uma intervenção no Sindicato em 15 de outubro de 2014. A antiga diretoria foi destituída por suspeitas de corrupção e pela falta de legitimidade para estar à frente da entidade – nenhum de seus membros era de fato comerciário, como manda a lei. Os ex-diretores tiveram seus bens bloqueados e não puderam se candidatar nas últimas eleições do SECRJ. .... Com 82,4% dos votos dos comerciários sindicalizados, foi eleita a Chapa 1 “A hora da mudança”, ligada à Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB). À frente da nova diretoria está Márcio Ayer, comerciário de 30 anos, até então empregado numa loja de material de construção no bairro do Rio Comprido. “Uma nova era se inicia na história em nosso Sindicato. Vamos abrir nossas portas e dizer para os comerciários: entrem que a casa é de vocês!”, resumiu o novo presidente.*  
(extraído do site do Sindicato <http://secrj.org.br/historico/>)

*vezes doloroso. A gente fala de escravidão que passou... Não! Ela está muito presente na grande parte dos trabalhadores do comércio.”* Alexsandra assinala que a luta atual dos novos dirigentes do sindicato é por um salário digno, por melhores condições de trabalho e pela saúde dos comerciários que trabalham de domingo a domingo, abandonando suas famílias, suas esposas e maridos em casa. *“Muitas vezes a mulher trabalhadora do comércio sai sem hora para voltar e corre vários riscos, inclusive de assalto, enfim... A maior luta hoje é fazer com que nossa classe esteja unida, para combater qualquer tipo de humilhação, qualquer tipo de exploração, por salário digno para a categoria e respeito acima de tudo.”* Alexsandra também observa que o Fórum Intersindical é um aprendizado, trocando experiências com pessoas que vivenciam o movimento sindical há muitos anos. A identificação com a luta dos trabalhadores e o rico diálogo onde se coloca a saúde do trabalhador e temas relevantes como o da previdência social, para ela é muito bom. Alexsandra também ressalta o caráter aberto e participativo do Fórum para qualquer pessoa que queira aprender um pouco mais e levar adiante a luta pela saúde do trabalhador. ■ ■ ■

[entrevista concedida à coordenação]

**Venha Para o Fórum Intersindical – Juntos fazemos a diferença da Saúde do Trabalhador**

## Trabalhadores Anônimos

*Dando Visibilidade às  
Identidades Sociais*

### Arroz delicado que alimenta corações

Izaías Rosário de Souza, paraense de Belém, tem 43 anos e há 19 anos distribui sua arte pelas ruas das cidades brasileiras. Seu talento inato de pintor foi aprimorado por um curso de desenho por correspondência, ainda em sua cidade natal. Como sobreviver da pintura é muito difícil, Izaías caiu na estrada fazendo artesanato de arame e pinturas em miniatura, até chegar ao seu principal ofício atual: pintar nomes e corações em grãos de arroz! O cliente escolhe a cor do grão de arroz - pintado de ver-

melho, rosa, azul ou em seu estado natural -. A delicadeza do grão de arroz gravado com um coração e o nome da pessoa, seja a filha, o neto, a namorada, o marido, a avó, o amigo ou amiga distante, é uma singela declaração de amor que, pelas mãos do artista, fala mais que mil palavras. Com uma caneta de arquiteto, Izaías, com destreza e rapidez, abaixado, às vezes sentado no chão, traça seu destino e, mesmo com problemas de coluna e de visão, assinala: *“o que mais gosto em meu trabalho é ser valorizado pelo que faço”*.

■ ■ ■



### Frutas bem misturadas com amor e mel



Quem frequenta o jardim de entrada da ENSP (Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca) conhece a alegre e sorridente Zizi Mendes que, diariamente, monta seu 'stand' para vender salada de frutas com diversos complementos, sacolés deliciosos, açaí etc. Sempre com sorrisos, agilidade e presteza, ela é autônoma há 16 anos e vende suas maravilhosas guloseimas que produz em casa com mais duas parceiras também autônomas. Diz que a oferta desses produtos tem uma certa sazonalidade de acordo com o clima, dando como exemplo doces caseiros que vende no período mais frio do ano. Mas informa que o que gosta mesmo é da venda e possibilidade que esta atividade lhe oferece - lidar com o público -.

Zizi relata que existe entre ela e os clientes uma parceria, onde ouve segredos, histórias de vida, desabaços, o que lhe traz maturidade, conhecimentos e experiência. Acha que seu trabalho talvez prejudique a sua coluna, por ficar muito tempo sentada, mas ela se exercita para contornar o problema. Faz hidro, caminhada e corrida todos os dias, alternando os exercícios. Começa a trabalhar às 5 da manhã e vai até 16h. Prepara em casa o material para a venda, realiza a compra de insumos de madrugada nos atacadistas da Ceasa e Cadeg. Zizi se esmera em manter a parceria com os clientes na busca por fidelidade. *“...a chave para alcançar esse resultado é a qualidade e o bom preço ou o preço justo.”* Com seu trabalho dá sustento aos seus sonhos, sua família - seus 'lindos filhos' de 19 e 17 anos, Gabriel e Gustavo, que cursam o ensino médio -. Nessa hora ela se emociona... Talvez porque a chave mesmo do seu sucesso seja o amor pelo que faz e como faz. ■ ■ ■



## INFORMES

A próxima reunião do Fórum Intersindical de Formação em Saúde - Trabalho - Direito (FIS) será no dia **01/07/2016**, de 09 às 13:00h no DIHS/ENSP - Prédio da Expansão da FIOCRUZ, localizado na Av. Brasil, nº 4036, sala 905, Manguinhos - Rio de Janeiro (direção Zona Norte).

O Fórum é uma iniciativa conjunta de várias instituições acadêmicas, sindicatos de trabalhadores e Cerest (Centros de Referência em Saúde do Trabalhador). É aberto à participação de todos os interessados nas temáticas abordadas e na luta pela saúde do trabalhador.

**Nesta próxima reunião teremos a oficina temática "Agrotóxicos - Veneno e Poder", conduzida pelo Professor Luiz Cláudio Meirelles (Cesteh/Ensp/Fiocruz).**



Reunião Ordinária Fórum Intersindical – 03/06/2016

### Mariza Almeida

O Boletim especial de junho com o trabalho fotográfico de Mariza Almeida foi muito elogiado. Quem quiser ter acesso às fotos publicadas e conhecer o seu trabalho pode se comunicar diretamente com ela pelo email [marizagal@ensp.fiocruz.br](mailto:marizagal@ensp.fiocruz.br)

Curso de Formação Intersindical em Saúde-Trabalho-Direito/RJ  
O III Curso Intersindical está em andamento! Maiores informações no email: [cursointersindical@gmail.com](mailto:cursointersindical@gmail.com)

Venha Para o Fórum Intersindical  
Juntos fazemos a diferença da Saúde do Trabalhador

Coordenação:  
Ana Paula Bragança (mestranda ENSP/FIOCRUZ)  
Jacqueline Wilhelm Caldas (mestranda ENSP/FIOCRUZ)  
Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)  
Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)  
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

A partir de agosto será realizado o 1º Curso Intersindical do Fórum Intersindical da Paraíba  
Maiores informações no email: [cursointersindical@gmail.com](mailto:cursointersindical@gmail.com)

O GT Mulher e Trabalho planeja para o 2º semestre uma oficina com mulheres trabalhadoras participantes (ou não) do Fórum Intersindical para construção de pautas e levantamento de demandas relacionadas à mulher na sociedade com enfoque no mundo do trabalho. Contatos com Marcia Agostini e Luciene Aguiar.  
Informe-se pelo e-mail [forumintersindical@gmail.com](mailto:forumintersindical@gmail.com)

O Fórum Intersindical e os nossos boletins estão na página da RENAST Online, acesse o link <http://renastonline.ensp.fiocruz.br/temas/f-rum-intersindical-sa-trabalho-direito>

Roteiro para funcionamento dos Grupos de Trabalho (GT)  
Os GT do Fórum são organizados sob a forma de câmaras técnicas para a discussão entre os seus participantes, nas vertentes de ensino, pesquisa e ação de vigilância. Os GT para funcionarem deverão ter como membros participantes representantes dos 3 segmentos: academia, serviço e sindicato. Cada GT terá, no período de instalação um facilitador, vinculado à Fiocruz, de modo a garantir sua logística inicial. À medida que o GT se consolidar será designado, por decisão de seus membros componentes, um coordenador e um suplente. As reuniões de cada GT serão agendadas de comum acordo entre seus membros. Espera-se entre as ações de cada um dos GT, com ênfase no seu eixo temático, propor e participar da execução de: debates, seminários, oficinas, reuniões técnicas, cursos de capacitação, laudos, pareceres, solicitação de audiências públicas e de inquéritos civis, pesquisas de saúde do trabalhador nas categorias interessadas e, entre outras, ações de vigilância em ST. As decisões e atividades propostas pelo GT serão levadas como informe para cada reunião ordinária do Fórum. São quatro GT: 1 – LER/DORT (Renato Bonfatti); 2 – Mulher e Trabalho (Marcia e Luciene); 3 – Saúde Mental e Assédio Moral (Jacqueline); 4 – Acordo e Convenção Coletiva (Daniele e Fadel).



Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito para a Ação em Saúde do Trabalhador  
Av. Brasil, 4036 sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361  
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223  
[forumintersindical@gmail.com](mailto:forumintersindical@gmail.com)